

DEAMBULAÇÕES DE WALTER BENJAMIN: ENTRE AS IMAGENS DO PENSAMENTO E O HAXIXE



RODRIGO ARAÚJO

*Professor de Filosofia do Instituto Federal
da Bahia e doutorando PPG Filosofia da
Universidade Federal da Bahia*

247

*Livro: Imagens de Pensamento – Sobre o haxixe e outras drogas
Autor: Walter Benjamin*

Em 1935, Walter Benjamin recebeu um convite do seu amigo Erich Auerbach para lecionar literatura alemã na Universidade de São Paulo. Eram tempos sombrios, as ameaças nazistas avançavam sobre a Europa e a vida de judeus, como Benjamin, se tornara cada vez mais improvável, mesmo na França, onde se exilou a partir de 1933. Apesar das circunstâncias, insistiu por permanecer no velho continente. Entre 1925 e 1934, havia escrito uma série de textos que iriam compor *Imagens de pensamento*, nunca editado em livro por ele. Foram escritos esparsos, publicados entre jornais alemães e suíços, que só vieram a público no formato de livro a partir da edição alemã de Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser, décadas após a morte prematura de Benjamin.

O ano do convite de Auerbach poderia ter sido aquele em que o filósofo alemão publicaria sua coletânea em nosso país, um acontecimento que certamente impactaria não somente os filósofos que, naquele momento, dirigiam o Departamento Francês de Ultramar, mas a cultura filosófica brasileira, de maneira geral, que se desenvolvia a partir daqueles anos pelas bandas de cá dos trópicos. A forma escritural dos textos que compõem *Imagens de pensamento* contraria em quase tudo a maneira como se esperava – e de certo modo ainda se espera – uma escrita filosófica, de tal modo que se nos torna difícil imaginar como se daria a sua recepção por aqui. Predomina nessa coletânea um estilo fragmentado e ensaístico que, em alguns casos, soa como composições que mais se assemelham a vinhetas. A Editora Autêntica traz a lume esta cuidadosa edição de *Imagens de pensamento*, em conjunto com *Sobre o haxixe e outras drogas*, sob a batuta do tradutor e filólogo português João Barrento, ambos os textos diretamente traduzidos do alemão.

248

O ano de 1925, aquele em que Benjamin redigiu os primeiros textos de *Imagens de pensamento*, coincide com o período em que produziu *Origem do drama trágico alemão*, não somente o mais longo e denso trabalho do autor, mas também aquele em que expõe as premissas metodológicas e estilísticas de um tipo de escrita filosófica. Para ele, a escrita não é apenas a expressão do pensamento, nem seu reflexo, tampouco a sua representação, mas antes, a sua realização, ou seja, escrever é uma maneira de realizar o pensamento, tal como afirma em *Pequenas habilidades*, um dos textos que compõe *Imagens de pensamento*. Implícita a esta ideia está a noção de que o pensamento não pode ser tomado como um fora da linguagem, mas somente pode ser concebido como intrínseco a ela e, de certo modo, é esta a noção que irá nortear o conjunto de sua filosofia. Neste sentido, Benjamin defende aquilo que ele chama de uma escrita da apresentação (*Darstellung*) ou, se se preferir, uma escrita da exposição, que diverge daquela concepção que a concebe como mediadora do conhecimento ou uma propedêutica capaz de representar uma verdade. A defesa desse tipo de escrita nos leva a entender a preocupação do filósofo com a questão da forma, pois, se ela é realização do pensamento, é essa também a sua maneira de apresentar a verdade, donde decorre a necessidade de refletirmos sobre a prática e o estilo da escritura em filosofia.

No “Prefácio” de *Origem do drama trágico alemão*, Benjamin sugere um caráter fugidio e indomável da verdade, e a forma que ele encontra para lidar com esta natureza esquiva é aquela identificada nos fragmentos e na forma do ensaio. Importa ao autor uma escrita descontínua, vacilante, dotada de cesuras, tal como a encontramos em *Imagens de pensamento*. Se podemos, ainda, falar de verdade, falamos somente de maneira ensaiada, num movimento de infatigável retorno

ao princípio, sempre passível de renovação, realçando o estado de ruínas e inacabamento das coisas, bem como, de maneira indireta e não linear, uma escrita do desvio, nômade, que sonda, perscruta o objeto nos seus diferentes extratos de sentido, sem, contudo, entrar num estado de indiferenciação, já que marcada pela sobriedade reflexiva de cada ir e vir do pensamento. O caminho, ou melhor, o método benjaminiano se constitui de maneira interdependente com a linguagem e se apresenta na sua escrita com a intermitência que caracteriza a natureza vacilante da própria verdade. Não negligencia o aspecto linguístico do pensamento e não incorre no tradicional recurso da filosofia moderna em demonstrar a verdade por meio de números e fórmulas, sob o pretexto de um ideal de conhecimento capaz de depurar os problemas da apresentação marcada por uma relação intrínseca entre pensamento e linguagem.

O livro *Imagens de pensamento* se revela, ao mesmo tempo, como uma proposta inovadora de se pensar o fazer filosófico, na medida em que acolhe a linguagem no interior de um panorama de cesura, de um pensamento e um mundo em fragmentos, e como crítica à filosofia como sistema. O conhecimento filosófico tem por ideal cindir o elo pensamento/linguagem por meio dos símbolos mais adequados para se obter daí uma demonstração neutra e pura, livre de hesitações e passível de objetividade. Espera-se daí, abolir a distância entre a racionalidade e sua formulação para que, desse modo, a escrita não exerça nenhum papel, ou que, pelo menos, exerça o menor dos papéis. Para Benjamin, a função exaustiva e de natureza sempre inacabada da escrita filosófica nunca é uma escolha deliberada, mas a sua própria condição, o que garante uma permanente reinserção do discurso filosófico na esfera da cultura e, ao mesmo tempo, uma limitada capacidade de alcance dos grandes sistemas legados pela tradição. Se o pensamento se dá com ou como a própria linguagem, não compete à língua sair dela mesma, o que constituiria uma incongruência; não há, também, um duplo que diz sobre, assim como não é possível à linguagem estender uma cadeia dedutiva de dados ao ponto de atingir a sua completude, seu encontro com a verdade, conforme nos faz crer as tentativas do conhecimento filosófico tradicional de escopo kantiano. Como desvio, e dotada de um método indireto, a “escrita da apresentação” apenas resvala a verdade e entrega a impossibilidade de se alcançar aquilo que fora historicamente pretendido pela filosofia: se apropriar, conter, possuir a verdade. A escrita da apresentação escreve sobre o que não se deixa entrever e, ao mesmo tempo, fundamenta o gesto da escritura, “margeia” o que não é possível dizer. E é provavelmente desta noção que advém o interesse de Benjamin pelas vanguardas europeias de sua época, a exemplo do Surrealismo e a obra de Kafka, pois estas operam, em um só tempo, com a cesura e as descontinuidades que ele vê como chance de cortejo à verdade, e acolhem a linguagem ordinária

como pista residual para o acesso a uma espécie de língua de Adão. Este duplo movimento, de fundamental importância na construção da filosofia de Benjamin, termina por aproximar o seu pensamento muito mais de uma construção poética do que científica.

De uma maneira muito generalizada, pode-se dizer que parte significativa dos textos de *Imagens de pensamento* nos traz uma visada sobre o ambiente cultural da Europa de sua época, refletida nas deambulações do Benjamin *flâneur* entre uma cidade e outra em vias de modernização. Nápoles, Marselha, Ibiza, Paris e Moscou são alguns destes lugares. Se a identificação com Paris é instantânea, pois nela reconhece a terra dos estrangeiros e dos deserdados, em que “quase sempre os amantes mais apaixonados por esta cidade vieram de fora”; Moscou é aquela que marcou, em definitivo, a relação de Benjamin com o marxismo e que, de certa maneira, o afasta dos arroubos apaixonados dos intelectuais comunistas que lhes são contemporâneos. A Moscou de quase três anos após a morte de Lênin, já amplamente instrumentalizada e reificada, revela um programa político problemático que o tornará reticente aos apelos totalizantes do marxismo, embora não o afaste, em definitivo, do pensamento de Marx. Temas como o gesto de colecionar, os sonhos, a comida, o método de trabalho e os amores modulam outros motivos do livro.

250

A edição da Autêntica comete pequenos deslizes que em nada comprometem o belíssimo trabalho de João Barrento, mas que podem ser corrigidos numa iminente reedição. O sumário suprime tópicos de *Sequência em Ibiza* sem nenhuma justificativa aparente. No corpo do texto aparecem *Cortesia*, *Não dissuadir*, *Espaço para o que é precioso*, *Primeiro sonho*, *Rosa dos ventos do êxito*, *Exercício*, *Não te esqueças do melhor*, *Hábito e atenção* e *Montanha abaixo*. No sumário, este último aparece com a grafia “Monte abaixo” e a ele se juntam apenas *Exercício*, *Não te esqueças do melhor* e *Hábito e atenção*, detalhe a ser revisado.

Soma-se a *Imagens de pensamento* a companhia de *Sobre o haxixe e outras drogas*, certamente em uma edição que já se torna referência no país. O material deste último resulta das experiências com o haxixe, a mescalina e o ópio, realizadas entre os anos de 1927 e 1934, em que participaram o filósofo Ernst Bloch e os médicos Ernst Joël e Fritz Fränkel. Entre 1932 e 1933, Benjamin relata, em cartas a Scholem e Gretel Adorno, a existência do projeto de um livro sobre o haxixe; um projeto que seria mais um dentre os muitos planos inconclusos de Benjamin. Conforme a edição de João Barrento, podemos dividir o livro em duas seções: “*Haxixe em Marselha*” e “*Protocolos de experiências com drogas*”. Somente

Haxixe em Marselha (escrito de uma maneira mais sóbria, por assim dizer) foi elaborado e publicado, oportunamente, no jornal *Frankfurter Zeitung*, em 1932; os protocolos apenas foram lançados postumamente.

A existência deste livro alinha Benjamin a uma tradição literária que passa por Thomas de Quincey, Charles Baudelaire, Aldous Huxley e William Burroughs, autores que igualmente relataram os efeitos de suas experiências com drogas em variados estilos. Mas é preciso estar atento ao que nos adverte J. M. Gagnebin quanto ao fato de não podermos esperar nenhum tipo de sensacionalismo sobre supostos efeitos sobrenaturais advindos dos relatos benjaminianos. Antes, o que temos ali são observações simples, carregadas de concretude, derivadas de uma experiência, muitas vezes, calculada. A edição inclui, ainda, desenhos da autoria de Benjamin elaborados a partir dessas vivências.

Tanto *Imagens de pensamento* quanto *Sobre o haxixe e outras drogas* já tiveram traduções competentes no Brasil por meio da Editora Brasiliense. O primeiro contou com a tradução de José Carlos Martins Barbosa, em 1987, ao passo que o segundo teve a tradução na conta de Flávio de Menezes e Carlos Nelson Coutinho, ainda em 1984. Sem dúvidas, além da competente e elegante tradução de Barreto, os desenhos de Benjamin, alguns de seus retratos com amigos em Ibiza, algumas outras tantas gravuras e valiosos comentários do tradutor valorizam a mais que bem-vinda edição, dotada de excelente tratamento editorial, capaz de nos lançar na atmosfera em que os textos foram produzidos. Tudo indica que, definitivamente, a produção de Walter Benjamin parece estar se tornando cada vez mais requisitada e acolhida entre nós, do lado de cá do Atlântico, onde ele, em vida, por terríveis razões, esteve próximo de estar. ┘

BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento – Sobre o haxixe e outras drogas*. Tradução João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.